



QUE VIDAS SÃO CONSTITUÍDAS COM TELAS? SOBRE (DES)ENCONTROS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO NO CENÁRIO PANDÊMICO

Amanda Silva de Medeiros
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
amandamedeiros94@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2525-0877>

Juliana Leal Salmasio
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
juliana.salmasio@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0001-5945-8823>

RESUMO

Esse texto se compõe de afetos mobilizados por leituras e experiências. Leituras de autores (LEVY, 2010; SANTAELLA, 2012; BORBA, ALMEIDA, GRACIAS, 2018; CHIARI, 2018) que nos fizeram pensar as questões colocadas aqui que, a partir de nossas experiências, foram problematizadas no contexto atual: um cenário pandêmico em que nossas relações mudaram. O que nos separa agora é uma tela. Pode ser a do celular, do *tablets*, do *notebook* ou do computador. Há uma superfície gélida entre este texto e nós, que os escrevemos, e entre você, que está lendo. Telas, que nunca foram tão utilizadas. Vivemos no advento digital e era habitual, até o início desse ano, estabelecermos relações por meio de telas. Mas elas eram uma parte de nossas relações. A pandemia que nos abateu fez com que as telas se tornassem o essencial, toda a relação. Para trabalhar, para rever quem está distante, para estudar, para se apaixonar. E nós, acostumados ao contato físico, à pele, tivemos de nos adaptar com encontros de horas e mais horas em frente às telas. Então, nos questionamos: que vidas têm se constituído com/a partir/ desses encontros possibilitados (ou não) por telas? Nos colocamos nesta problematização enquanto estudantes, professoras, filhas distantes de casa e principalmente como seres humanos que experienciam a relação social, familiar e profissional por telas gélidas. Neste devir, tencionamos produzir reflexões sobre as vidas vividas e a existência constituídas na realidade pandêmica que enfrentamos, elucidando afetos e afetações que emergem nesta relação. Encontros que podem ou não se estabelecer. Telas que podem potencializar relações, estudos, saudades, mas também exclusão, desigualdade, que podem escancarar distâncias (pois nem o contato gélido com a tela é possível). Mais do que dizer de um contexto educacional, estamos falando de vidas que têm se constituído nestes (des)encontros com telas e que evidenciam realidades diferentes. Horas e mais horas e mais horas em frente à uma tela estudando, trabalhando. E quando acaba? Mais horas em frente às telas estabelecendo contato com quem está distante. Há também vidas de horas e mais horas e mais horas esperando a internet funcionar, torcendo para os dados móveis não acabarem, tentando estudar. E quando acaba? Uma tela vazia sem poder mostrar aqueles que estão distantes. Mas afinal, o que queremos com esse discurso? Mostrar que a mesma tela



potencializadora de oportunidades, que facilita encontros, acaba se tornando a geradora de exclusão. Por trás da tela, estão sujeitos que precisam lidar com a demanda do *home office* e com os problemas emocionais alavancados por perdas constantes. Estão pesquisadores em formação preocupados com o cumprimento das diretrizes curriculares, prazos e produtividade. Pesquisadores que são professores e que lidam com a problemática de fornecer aulas remotas de qualidade para seus alunos, que se tornam diante da tela atores e diretores de narrativas. Pessoas que se reinventam, se reconstróem e ao mesmo tempo, outras pessoas que apenas esperam que, um dia, tenham uma tela.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, bolsas de doutorado.

REFERÊNCIAS

BORBA, M. C.; ALMEIDA, H. R. F. L.; GRACIAS, T. A. S. *Pesquisa em Ensino e Sala de Aula: Diferentes vozes em uma investigação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2018.

CHIARI, A. S. S. Tecnologias Digitais e Educação Matemática: relações possíveis, possibilidades futuras. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 11, n. 26, p. 351–364, 2018.

LEVY, P. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. 3 ed, São Paulo: Editora 34, 2010.

SANTAELLA, L. *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.